

Globalização e mobilidade dos jogadores de futebol: caso da Guiné-Bissau 1974-2017

Suleimane Seide¹

Resumo: O presente trabalho objetiva entender e analisar como se deu a mobilidade e globalização dos futebolistas da Guiné-Bissau desde 1974, ano em que a Federação de Futebol da Guiné-Bissau (FFGB) foi fundada e também se afilhou à Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) organismo que rege o futebol mundial, e até 2017, ano em que o futebol do país atingiu o seu auge por conseguir a inédita classificação e consequentemente a sua histórica participação no campeonato africano das nações (CAN 2017). Nossa reflexão parte dos seguintes pontos: Globalização, mobilidade e mercantilização. Para isso, adotaremos neste estudo uma abordagem qualitativa fundamentada em entrevistas semiestruturadas realizadas online com jogadores. Os relatos dos futebolistas trazem à tona a concepção de diferentes atores diante das possibilidades de profissionalização ligadas a percursos internacionais. Percebeu-se que no cenário futebolístico da Guiné-Bissau, os fenômenos de mobilidade internacional em um contexto de globalização ocorrem sem que seja considerada a tremenda falta de preparação dos agentes desportivos nacionais.

Palavras-chaves: Jogadores, futebol, mobilidade internacional, Guiné-Bissau.

¹ Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, UNILAB e estudante de licenciatura em Sociologia, UNILAB.

1. INTRODUÇÃO

A Guiné Bissau, ex-colônia portuguesa, é um pequeno país situado na costa ocidental africana, limitada com a República do Senegal na província norte e leste e com a Guiné-Conacri na província Sul e Leste, ambas ex-colônias francesas. Banhado pelo oceano atlântico, o país tem uma população de aproximadamente de 1.584.791 habitantes e conta com uma superfície total de 36.125 km, com uma parte do seu território na zona insular composta por mais de 88 ilhas e ilhéus (INE, 2009).

O presente trabalho tem como objetivo entender e analisar como se deu a mobilidade e globalização nos futebolistas da Guiné-Bissau desde o ano 1974 até 2018, focando em particular sobre três casos. Procura-se igualmente, entender o porquê da mercantilização dos futebolistas.

A razão principal para realização desta pesquisa tem a ver com a minha paixão pelo esporte e futebol em particular, e por outro lado, está relacionado ao motivo de eu ser cidadão guineense e acima de tudo, amante de futebol, preocupado em ver os jogadores guineenses nascidos na Guiné-Bissau e na diáspora declinando sempre os convites da Federação de Futebol de Guiné-Bissau (FFGB) para representar a seleção nacional. Parto de pressuposto que estes jogadores têm as seleções europeias, principalmente a portuguesa, sempre em primeiro plano, ou seja, eles só aceitam representar as cores nacionais quando não forem convocados pelas seleções portuguesas. Para entender isso, precisamos ouvir as versões dos jogadores.

Além dos fatores acima apresentados, o desejo de pesquisar essa temática justifica-se pelo interesse da sociologia em problematizar alguns aspectos relacionado com o esporte. Ou seja, na medida em que uma das características da sociologia tem a ver com o estudo crítico dos fenômenos sociais, podemos afirmar que estudar sociologicamente o esporte está em conformidade com o objeto dessa ciência.

Tendo em conta o exercício analítico que pretendemos desencadear neste trabalho, decidiu-se adotar um conduto metodológico qualitativo, centrado na pesquisa bibliográfica e fundamentada com entrevistas semiestruturadas feitas online com três jogadores guineenses. É importante salientar que a escolha dos participantes, da data e hora das entrevistas se deu por conveniência de cada um desses entrevistados.

Apesar de serem de caráter semiestrutural permitindo que os entrevistados possam expor livremente as suas constatações a respeito do assunto, as nossas entrevistas foram, contudo, acompanhadas de um roteiro previamente elaborado. Amaral *et al* (2011) consideram que no caso da utilização da internet, “para conduzir a investigação, é necessário considerar sua natureza constantemente mutável e efêmera, além de sua rápida e ampla adoção por pesquisadores nos diversos contextos de pesquisa, o que nos permite alinhar questionamentos” (Amaral *et al*, 2011. p.29). E com relação a escolha do método tem a ver com o motivo de internet ter sido uma das ferramentas mais utilizadas nos dias atuais e suportada pela globalização.

Este trabalho divide-se em duas partes, na primeira, iremos trazer à tona a discussão sobre a mercantilização de futebol, buscando problematizar a questão da mobilidade internacional dos futebolistas, e em particular dos jogadores guineenses. Já na segunda parte, faremos um possível diálogo, entre as falas dos jogadores guineenses na diáspora que conseguimos entrevistar e a discussão sobre a mobilidade e a globalização.

2. Mercantilização do futebol

Até meados de 1960 o esporte era considerado um fenômeno apolítico, não era tema da sociologia. O esporte só começou a despertar o interesse da teoria social na década 1970, teoria Crítica elaborada na Escola de Frankfurt, fundamenta em uma crítica filosófica e social ao esporte, derivada do movimento estudantil que toma o neo-marxismo como fundamentação (RODRIGUES, 2001, p.7).

Os estudos atuais apontam, que há um aumento exponencial de estudos acadêmicos ligados ao futebol, o que não acontecia nos tempos longínquos, e a Guiné-Bissau não foi a exceção, contudo, continua a ter poucos estudos na área do esporte, neste pequeno país de África ocidental.

Salienta-se que as opiniões, ou seja, os pontos de vistas dos autores acerca do esporte divergem. Por um lado, alguns o analisam através da sua dimensão econômica na contemporaneidade, como é o caso do sociólogo marxista francês Jean-Marie Brohm (1982), que faz uma crítica radical do esporte nas sociedades modernas, urbanas e industriais. Para ele, o sistema esportivo é uma mera representação do sistema capitalista, onde tudo vale pelo lucro incluindo pisar no outro para atingir os seus objetivos. Outra corrente do pensamento defende que o futebol atua como um ópio de povo que também participa largamente como instrumento de dominação de classes, ou seja, um elemento fundamental da burguesia, tese defendida por Roberto Ramos (1998). Damo (2006) definiu o futebol como um consenso de época, público e lugar, tal qual a gladiatura romana, o olimpismo grego, a tourada andaluz ou as rinhas de galo balinesas. Já o antropólogo brasileiro Roberto Da Matta (1994) vê no futebol um papel educativo, na medida em que ensina os seus praticantes a obedecer às regras, que em caso do incumprimento o responsável sofre com as consequências, que passa pela expulsão do mesmo do retângulo do jogo.

No que tange à ligação da estrutura do esporte com o sistema capitalista francês, Jean Marie Brohm reitera:

Esta ligação estrutural dos esportes com o sistema capital em seu conjunto explica a invasão dos esportes por parte do dinheiro e os capitais, atualmente a atividade esportiva esta sustentada por uma vasta circulação de moeda até ao ponto que com soma frequência, a atividade esportiva não é mais que um protesto para as operações financeiras, por consequente, ela não se torna- e esta tendência se generaliza- se não em simples suporte para as transações comerciais e monetária (BROHM, 1982, p.87).

Quando se fala da mercantilização, a primeira coisa que vem à tona é o seu real significado epistemológico, que é nada mais, nada menos que colocar um

produto no mercado com o propósito de comercializá-lo. E o nosso foco aqui é tentar mostrar como o mesmo acontece no futebol com os jogadores de futebol e não só, envolve também empresários e dirigentes. Então, o interesse principal desta sessão é de mostrar como os jogadores são tratados como mercadorias no mercado global do futebol. Sendo assim, começaremos o presente artigo com a reconstituição de alguns elementos chaves do processo de mercantilização do futebol.

Partimos do pressuposto que o futebol moderno teve a sua origem na Inglaterra, lugar onde começou a egrégia Revolução Industrial no século XVIII, com propósito de maximizar os lucros.

No que concerne à sua popularidade, para José Ceitil (2017, p.8) é o fato do futebol ser uma modalidade com regras básicas (simples), facilmente apreendidas pelos praticantes e espectadores de todos os credos e classes sociais. As afirmações de Ceitil mostram um olhar superficial sobre as regras do futebol, que são para além das conhecidas. Por um lado, para que seja considerado e reconhecido internacionalmente como uma das modalidades esportivas, o futebol precisou criar regras universais que possam regulamentar a sua forma de ser praticado. Por outro lado, antes da criação dessas regras, o futebol era totalmente diferente com o que temos hoje em dia.

As famosas 13 regras do futebol também foram criadas na Inglaterra no dia 26 outubro de 1863. Esse movimento de regulamentação e institucionalização culminou com a fundação da *Football Association* (OLIVEIRA, 2012, p.2).

Vale ressaltar que as referidas regras foram criadas para poder regulamentar o futebol como uma das modalidades esportivas, ou seja, o futebol só passará a ser considerado uma modalidade esportiva com a criação das regras. A partir dessa data de fundação da associação de futebol em Inglaterra, é possível perceber que o futebol já havia sendo praticado na Inglaterra, então esse fato veio a sustentar a conhecida tese que a Inglaterra é o pioneiro de futebol moderno.

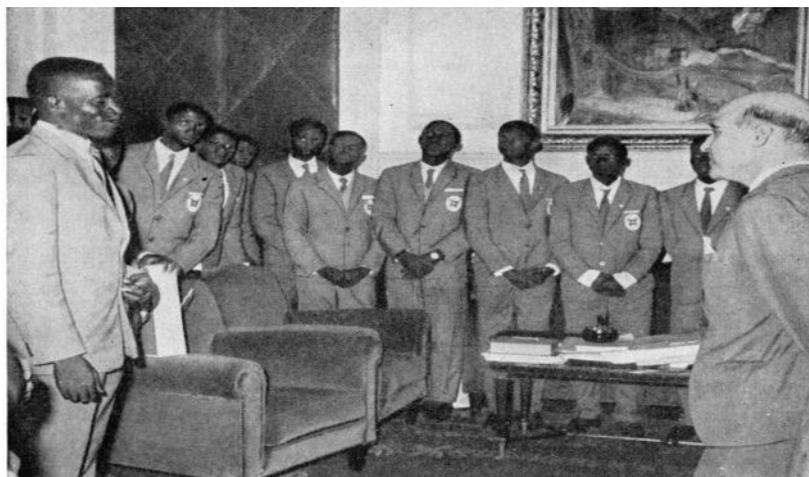
A *Football Association* (FA) antecedeu a criação da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) que só foi fundada no ano 1904. Com o passar de 41 anos, a Confederação Africana de Futebol (CAF) foi fundada no ano 1957, época em que a maioria dos países do continente estavam sob a dominação colonial europeia (ocidental). E a federação de futebol de Guiné-Bissau (FFGB) foi fundada no ano 1974, um ano após a independência do país, marca do fim do jugo colonial portuguesa que durou mais que cinco séculos.

Entre as inquietações que pairam, talvez a da maior relevância é o fato da federação de futebol da Guiné Bissau ter sido fundada no mesmo ano do reconhecimento da independência da Guiné-Bissau pelo Portugal, o então colonizador. Isso sugere a questão seguinte: o fato serviu para que a Guiné se afirmasse politicamente no mundo? Ou para mostrar a sua autonomia como um país soberano, porque dantes o Portugal controlava tudo. E por outro lado, se não foi pela influência das fundações das federações dos países vizinhos nomeadamente: Gambia (1952), Senegal e Guiné Conacri (1960) e a Mauritânia (1961).

É importante ressaltar que a Guiné tinha uma seleção nacional que representava a então Guiné-Portuguesa, ou seja, a seleção da província ultramarina portuguesa, com os jogadores que na sua maioria eram filhos dos portugueses. Conforme Melo (2016, p 408-409), com o ataque do movimento União da Índia, o Portugal sofreu a sua primeira derrota na colônia, e o governo português por seu turno decidiu reforçar a sua presença nas colônias.

O governo colonial tentou desenvolver o esporte na Guiné, mormente o futebol, o que resultou numa expressão adicional de rivalidades entre nativos, cabo-verdianos e colonos, por meio dos clubes desportivos. Porém, isso também resultaria na possibilidade de formação de uma consciência política (MARZANO & NASCIMENTO, 2013).

Na época, o esporte e o futebol em particular eram vistos como uma forma de fortalecer a coesão com os nativos. Por isso, na década de 1950, o governo metropolitano promoveu algumas iniciativas relacionadas à prática de esporte, e, em particular, a realização dos jogos internacionais, que permitia aos clubes da colônia (África e Ásia) de participar dos jogos dos campeonatos nacionais e da taça de Portugal que só poderiam ser disputados na metrópole (Portugal) (MELO, 2016, p. 409).



O Ministro do Ultramar é saudado pelo «Balantas»

“O Ministro de Ultramar é saudado pelo “Balantas”.”

Figura 01. Recessão do time Balantas de Mansoa por Antônio Augusto P. Correia, ministro de Ultramar do Portugal. Fonte: Melo, 1963. p.421

Há 103 anos, o futebol já era entendido como um bom negócio no ocidente. Nesta época, William McGregor, então presidente da Football League, afirmava que “Football is a big business” (GASPARETTO, 2013, p.3) e o Lionel Messi argentino, considerado pela FIFA melhor jogador de futebol do planeta por cinco vezes (5), talvez um dos mais conhecidos da história de futebol, afirma que “o dinheiro permite que você viva melhor, mas não é o que lhe inspira e ele vive para jogar futebol, não por seus benefícios econômicos”. (PERCY *apud* LIONEL

MESSI, 2014, p.120). Numa entrevista que tivemos com o internacional pela Guiné-Bissau, Bacar Baldé, ele afirma o seguinte, “o futebol para mim é mais que um desporto, mais que uma profissão, futebol é a grande paixão da minha vida, as alegrias e as emoções que o mesmo me proporciona nada mais me faz sentir igual” (BALDÉ, 02.02.2019).

Voltando à afirmação de Messi, talvez ela sustenta a ideia que o futebol não se limita só ao seu poderio monetário, também é tido como uma paixão por alguns, independentemente dos seus ganhos econômicos. Por isso, em muitos países do mundo como no caso do Brasil, é tido como uma paixão nacional. Com estas afirmações é possível perceber que o futebol é tido por alguns como uma forma de ganhar dinheiro e outros o entendem como uma paixão inexplicável. Este último entendimento era nítido, mas nos séculos passados quando os atletas jogavam mais por amor à camisola do que por dinheiro.

Só que surge outras correntes do pensamento que contrariam essa ideia do amor pela camisola, como se pode ver nos escritos de Rodrigues, sociólogo brasileiro, que afirma o seguinte,

O movimento pela profissionalização mostrou que “o amor à camisa” foi um mito. Desde os anos 1920 e 1930, que o jogador deseja ser pago para jogar. Trata-se de uma visão romântica e idealista do futebol; é a partir dos anos 30 que o futebol é utilizado politicamente por Getúlio Vargas; neste momento o futebol é incorporado à cultura popular, sendo motivo de unidade nacional (RODRIGUES, 2002, p.6-7)

Mesmo com a paixão do brasileiro pelo futebol, também acontece a mercantilização de futebol conforme podemos ver nos escritos de Romário, um ícone de futebol mundial.

Mas, enquanto estávamos em campo, dirigentes e outras pessoas que nem sequer sabiam chutar uma bola ganhavam dinheiro espertamente à custa do meu trabalho e também dos meus companheiros de equipe. Era possível perceber isso em cada transação que eu acompanhava. Nada contra o mercado do futebol ou o “negócio de futebol”, mas havia algo muito estranho por trás das transações, e eu, ainda novato, precisaria de para entender. (ROMÁRIO, 2017 p.23).

É possível ver, nessa afirmação proferida por Romário que a mercantilização chegou a toda parte do planeta no século XX. Muitos relacionam a Guiné com o Brasil, alguns até a chamam do “*Brasil de África*”, tendo em conta que é um país muito pequeno com muitos jogadores espalhados por toda parte de mundo, sobretudo em Portugal.

É importante realçar que o futebol em Guiné-Bissau, é a paixão do povo. O que sustenta essa minha afirmação é a fala do capitão da seleção nacional e dos técnicos nacionais após a qualificação pela primeira vez do país no maior evento futebolístico do continente, Copa das Nações Africanas (CAN), no ano de 2017. O técnico adjunto da seleção da Guiné-Bissau, Romão dos Santos na entrevista concedida à *Radio France International* (RFI) considera que o momento é da união na sociedade guineense. E o capitão Bocundji Cá qualificou o feito como uma segunda independência do País. Também, o que torna tudo mais visível é a forma como o povo manifesta as vitórias dos Djurtus alcunha da seleção

nacional deste país africano. Às vezes, o ônibus da seleção nacional nem consegue seguir a viagem de volta devido ao excesso dos adeptos ao redor do referido ônibus nas principais avenidas da capital Bissau.



Figura 2. Comemoração da vitória dos Djurtus, na avenida liberdade combatente da pátria.

Fonte: O democrata.gb Acesso Online 27/02/19.

3. Mobilidade e globalização: caso dos jogadores guineenses

Conforme a nossa pesquisa feita online no site zerozero.pt, considerado como uma das maiores bases de dados no mundo do futebol de acesso livre, constatamos que na presente época esportiva 2018/2019 nos campeonatos portugueses nomeadamente: a Liga NOS (Primeira Liga), Ledman Pro (Segunda divisão), nas series do campeonato de Portugal (terceira divisão) e na liga Revelação sub-23, sempre a Guiné-Bissau se posiciona na lista dos países com mais jogadores nas referidas ligas portuguesas. Pode se ver na tabela seguinte.

Nome da liga	Número de jogadores guineenses	Posição do País	Percentagem	Total
1º Liga NOS	06	8º	1,2%	
2º Ledman Pro	08	4º	1,6%	
3º Campeonato de Portugal	Seria(A):21 Seria(B): 10 Seria(C): 18 Seria (D):15	3º 4º 3º 4º	4,8% 2,4% 4,3% 3,3%	64

Liga u23	Revelação	06	6º	1,7%	
Total		84			84

Tabela 1. Jogadores guineenses nos campeonatos profissionais em Portugal 2018/2019.

Fonte: elaboração própria. Dados Zerozero.pt.

Referente a essa tabela, percebe-se que o site zerozero usa os seguintes critérios para considerar o atleta nacional dum determinado país: 1º a nacionalidade do atleta; 2º a seleção que o atleta defende (se for o caso) 3º o país onde o atleta nasce. E se eles tivessem optado por utilizar outros critérios, como por exemplo considerar os atletas com dupla nacionalidade (guineense e portuguesa), nascidos em Guiné, mesmo em representação do Portugal nas camadas mais jovens, certamente que a Guiné-Bissau teria mais jogadores nas ligas profissionais portuguesas. Também, podemos notar que no caso dos atletas com dupla nacionalidade, a primeira nacionalidade que aparece é a portuguesa.

DADOS PESSOAIS

NOME: Danilo Luís Hélio Pereira

NASCIMENTO: 1991-09-09 (27 ANOS)

PAÍS DE NASCIMENTO: Guiné-Bissau

NACIONALIDADE: Portugal

DUPLA NACIONALIDADE: Guiné-Bissau

NATURALIDADE: Bissau

OUTRAS LIGAÇÕES: f, 3

PARENTESCOS: Irmão de Willy, Primo de Pele

POSICÃO: Médio (Médio Defensivo)

INTERNACIONALIZAÇÕES A: 31 Jogos / 1 Golos

PÉ PREFERENCIAL: Direito

ALTURA: 188 cm

PEGO: 80 kg

SITUAÇÃO: No ativo

AGENTE: Daniel Lorenz

CLUBE ATUAL: FC Porto

CONTRATO: 2022/05 (CLÁUSULA RESCISÃO 50.0 MILHÕES EUR)

22. Danilo Pereira
Portugal • 27 anos • Médio • Futebol

Figura 3. Captura de tela do perfil de jogador no site Zerozero.com

Fonte: Zerozero.com, acesso online 27/02/19.

Se formos ver o artigo 5º da lei da cidadania da República de Guiné-Bissau, nº 2/92 de 06 de abril, define-se a nacionalidade de pleno direito (guineense originária) da seguinte maneira.

1. É cidadão guineense de origem:
 - a) O filho de pai ou mãe de nacionalidade guineense nascido na Guiné-Bissau ou no estrangeiro se o progenitor guineense aí se encontrar ao serviço do Estado guineense;

- b) O filho de pai ou mãe guineense, nascido no estrangeiro, se declarar que quer ser guineense, ou se inscrever o nascimento no Registo Civil Guineense.

No caso do Portugal, é a Lei nº 37/81, de 3 de outubro que define as condições para que seja atribuída a nacionalidade:

1. São portugueses de origem:

- c). Os filhos de mãe portuguesa ou de pai português nascidos no estrangeiro se tiverem o seu nascimento inscrito no registo civil português ou se declararem que querem ser portugueses;

d). Os indivíduos nascidos no território português, filhos de estrangeiros, se pelo menos um dos progenitores também aqui tiver nascido e aqui tiver residência, independentemente de título, ao tempo do nascimento;

e). Os indivíduos nascidos no território português, filhos de estrangeiros que não se encontrem ao serviço do respectivo Estado, se declararem que querem ser portugueses e desde que, no momento do nascimento, um dos progenitores aqui resida legalmente há pelo menos cinco anos;

f) Os indivíduos nascidos no território português e que não possuam outra nacionalidade.

Em função disso, a maioria dos jogadores ditos guineenses em Portugal estão sob essa condição da lei Cidadão. Diante disso, muitos dirigentes da Federação de Futebol da Guiné-Bissau frequentemente reclamam que muitos jogadores guineenses em Portugal, nascidos em Guiné e atuando em Portugal, declinam o convite de representar a seleção da Guiné-Bissau, em detrimento da seleção portuguesa.

Já os dirigentes da federação portuguesa por sua vez, quando vêm potencial num jovem jogador, mesmo na camada de formação, usam do estatuto do país acolhedor para oferecer a nacionalidade portuguesa ao atleta e eles, na maioria de vezes, aceitam representar o Portugal, com intuito de ganhar mais projeção na Europa.



Figura 04. Seleção nacional de Guiné-Bissau, num jogo frente à Seleção da Namíbia a contar para qualificação do CAN 2019. 10.06.2017 Fonte: *Soudjurtu*, jornal desportivo.

Dos jogadores da foto, em pé de direita a esquerda: Edy, Augustinho, Pelé, Jonas, Frederick e Toni. Agachados: de direita a esquerda: Zezinho, Piquete, Tomas, Santos e Rudi. Ressalta-se que o referido jogo foi o primeiro oficial da Guiné-Bissau, após o campeonato africano das nações 2017, e contou também com a estreia dos dois expoentes atual da seleção nomeadamente: Judilson Mamadu Tuncara Gomes (Pelé) e Edigerson Funy Almada (Edy). Dos jogadores na foto todos jogam fora do país, e 10 deles possuem dupla nacionalidade, na sua maioria guineense/portuguesa (8), guineense/francesa (1) e guineense/dinamarquesa (1).

Nas edições da copa do mundo sub-20, dos anos 2011 e 2013, Portugal levou para Colômbia (2011) na sua caravana quatro atletas de origem guineense (Pelé, Danilo, Saná e Amido). Dos quatro atletas selecionados, só um deles nasceu em Portugal (Pelé) e os restantes nasceram em Guiné. Já na copa seguinte, levaram para Turquia (2013), cinco atletas guineenses (Bruma, Tomas, Aladje, Edgar e Agostinho), todos nascidos em Guiné. Em ambas ocasiões a notícia teve grande repercussão na mídia guineense, e os jornalistas e apresentadores usam uma linguagem revelando orgulho nacional, que se parece muito contraditório, ou seja, paradoxo. E na mídia portuguesa quando o assunto se inverte também não passa despercebido. Por exemplo, no dia 13 de maio de 2015, o jornal esportivo português *Record* colocou na manchete do dia, *Vinte “portugueses” nos pré-convocados da Guiné-Bissau*. O referido jogo contava para as eliminatórias do campeonato africano das nações 2017.

Isto posto, alguns analistas esportivos guineenses acreditam que umas das poucas saídas de tudo isso, passa pelo investimento sério nos esportes por parte do governo dos campeonatos locais na Guiné-Bissau. Neste sentido, Victor Correia considera que o principal problema reside na falta de organização por parte da Federação de futebol de Guiné-Bissau, na medida em que, essa

entidade não consegue gerenciar o fundo que a FIFA destina para o desenvolvimento do futebol no país (CORREIA, 02.02.2019).

E outra questão que se coloca, é a pouca aderência do público aos jogos do campeonato nacional de futebol sobretudo nas partidas disputadas na capital Bissau, em comparação com as décadas passadas. Para explicar isso, é preciso considerar o fato desse campeonato não acontecer com frequência nas cidades interiores da Guiné Bissau. Mas o que mexe mesmo com os amantes do futebol sobretudo nas periferias, são os campeonatos de defesos que se realizam nos diferentes bairros e as cidades, nas épocas chuvosas que também culminam com a época das férias escolares, realizados por associações juvenis, moradores e congregações dos jovens. Os objetivos de realização desses campeonatos costumam ser para descobrir novos talentos para os times do bairro ou da cidade.

Entre os desconfortos, surgem as questões colocadas pelos sociólogos Miguel de Barros, guineense e Augusto Nascimento:

Porque que a Federação de futebol do país não ampara a realização do campeonato do defeso, institucionalizando-o através da criação de uma quarta divisão ou, talvez mais acertadamente, de campeonatos de bairro? Até que ponto estas iniciativas populares e comunitárias, articuladas com a federação, não poderiam funcionar como espaços de aprendizagem e de canalização de talentos para os clubes, já que as escolas de futebol no país são muito descontinua e um investimento caro? (BARROS & NASCIMENTO, 2013).

Mas tem um problema colocado por Rodrigues (2001): o êxodo dos atletas para os países do ocidente sobretudo os da Europa, nomeadamente Inglaterra, Itália, Espanha, Portugal, França e Alemanha, tem a ver com o profissionalismo e a institucionalização do futebol nestes países. Ele afirma que na maioria das vezes, o que mais influencia a saída desses atletas de seus países é relacionado aos seguintes fatores: desorganização do futebol, excesso de jogos, crise econômica, falência dos clubes nacionais e os milionários salários pagos no exterior (Ocidente).

Com intuito de compreender essa dispersão dos jogadores guineenses pelo mundo, ou seja, de tentar responder às inquietações da segunda parte do presente trabalho, decidimos realizar entrevistas semiestruturadas com três jogadores, de faixa etária de 20 a 30 anos, ambos de sexo masculino e nascidos na Guiné-Bissau. O primeiro deles foi internacional pela seleção Nacional de Guiné Conacri, e os dois outros são internacionais pela seleção nacional da Guiné-Bissau em diferentes camadas e dois por coincidência são do mesmo bairro (Quelelé), nomeadamente Vitor Correia, Bacar Baldé e Rogerio Pinto.

Trajetórias de jogadores

O nosso primeiro entrevistado foi Vitor Correia, nasceu em Bissau no dia 12 de janeiro de 1985. Hoje tem 34 anos, é internacional pela seleção da vizinha República de Guiné-Conakry. Começou a dar os seus primeiros pontapés na bola, nas ruas de Luanda (bairro periférico da cidade capital Bissau), na sua infância foi *amparanté* (cobrador de *toca-toca*, transporte popular de Bissau),

mecânico e dançarino. Segundo ele, em Bissau era pouco conhecido, ou seja, ninguém não lhe conhecia como jogador de futebol, e foi descoberto pelos donos da Academia de futebol Nantes (uma academia instalada em Bissau, pelos antigos jogadores guineenses em parceria com o futebol clube de Nantes na França).

Vitor e quatro colegas foram levados para a Guiné Conacri, pelos empresários acima mencionados, com intuito de fazer um teste num clube daquele País, conforme ele, os seus colegas de caminhada eram internacionais pela seleção de base da Guiné-Bissau, e ele foi o único na caminhada que nunca representou a seleção da Guiné Bissau e também que permaneceu no clube, os restantes voltaram para Bissau.

E em Conacri, Víctor (ele mesmo mudou a escrita do nome dele) nos mostra que a sua integração não foi nada fácil, na medida em que achava tudo estranho, assim como na dificuldade de aprendizagem da língua, apesar de ser um país africano. Também, a nível do clube, pertencia aos planos do time (Fello Star de Labé) na época em que o clube era treinado por um francês, mas tudo se inverteu com a mudança do treinador, ele passou a ser reserva no time nos primeiros anos. Mesmo com essa situação ele conseguiu se afirmar num jogo de final da copa de Guiné-Conacri. Por incrível que pareça, ele só jogou nos minutos finais do encontro, e foi bastante para convencer o treinador da seleção nacional deste País, para poder contar com ele, na sua lista dos convocados.

Durante a entrevista, Víctor começou por responder acerca de futebol, mostrando que para ele era muito difícil de responder, mas, em poucas palavras, explicou que ele conseguiu ascender na vida graças ao futebol. Falou do seu “momento mais alto de vida” que foi no jogo inaugural do Campeonato africano das Nações 2008, na sequência entre a seleção anfitriã Gana e a Guiné Conacri.

Ele também relatou que quando foi chamado pelo técnico francês para representar a seleção nacional de Guiné-Conacri, ligou imediatamente para o seu irmão mais novo em Bissau para lhe informar. Os familiares e amigos não acreditavam no que ele falava, uma vez que a seleção da Guiné era das mais fortes do continente na época, e contava também com grandes jogadores que atuavam na Europa, como por exemplo Tite Camará (Liverpool), Pascal Feindinoud (Saint Etienne), Kaba Djuará (Paris SG), Dianbobo Baldé (Celtic). Na época, ele nunca tinha jogado nem o campeonato nacional da Guiné-Bissau que é um dos mais fracos a nível do continente, em termos competitivos. E ele estava no meio dessas “super stars” do futebol africano.

Em relação a sua opção de representar a seleção da Guiné-Conacri, para ele foi uma escolha muito difícil. No início, segundo ele, não foi pela vontade própria, na medida em que ele foi até impedido de sair do país caso não jogasse pela seleção da Guiné-Conacri, e o mesmo não surtiu o efeito mesmo na sala de embarque vendo o seu avião a decolar, Vitor disse que não aceitou a referida proposta, alegando que só jogará na seleção da Guiné Conacri com o consentimento do pai. E a federação daquele país usou outras formas de convencê-lo: a delegação foi enviada a Bissau com intuito de subordinar o seu pai com um valor de 1000 USD e foi isso que funcionou. A sua carreira não durou muito principalmente na seleção, devido às sucessivas lesões. Na Europa

Correia representou alguns times secundários dos diferentes campeonatos: Belga, Suíço e francês antes de se mudar pelo médio oriente, Bahrein, Qatar e por fim Emiratos Árabes Unidos onde terminou a sua carreira esportiva.

Percebe-se que ao longo da sua carreira futebolística passou por três continentes: África, Europa e Ásia, e segundo ele a sua ida pela Ásia tem a ver com o poderio monetário dos clubes do médio oriente, na medida em que o salário era muito bom.

Em termos da finalização Victor Correia, disse que não cumpriu com um sonho de infância que era de jogar pelo Manchester United da Inglaterra, mas atualmente tem um projeto de criar uma escola de futebol em Guiné com intuito de ajudar os mais necessitados.

No caso de Bacar Baldé, internacional pela Guiné-Bissau em 17 ocasiões, nasceu em Bissau no dia 15 de janeiro de 1992. Tem 27 anos de idade e atualmente é jogador de Gandzasar FC da primeira liga Romena.

Também começou a jogar o futebol nas periferias de Bissau (Quelelé), e ainda na adolescência mudou-se para Cabo-Verde para viver com a irmã e o cunhado. Lá, integrou-se à escola de futebol de Sport Club de Santa Maria por cinco anos, na Ilha do Sal. Ele afirma que a sua integração foi muito rápido e aproveitou o mesmo para fazer as amizades e os colegas da escola lhe ajudaram bastante. Logo se destacou nos campeonatos destinados aos jogadores de futebol das escolas de formação, e começou a ganhar aparições nas páginas dos jornais e na televisão de Cabo-verde. O fato chamou atenção dos oleiros de FC de Porto em Portugal, e Bacar foi convidado para treinar uma semana em Portugal. Lá, ele convenceu os técnicos de time e acabou por ficar e consequentemente assinar o contrato de formação com o clube português.

No que refere à questão da escolha de jogar fora do país, Balde afirma que “no mundo de futebol, muitas das vezes não escolhemos, a vida nos leva... e como o meu sonho sempre foi jogar futebol e o resto Deus sempre no comando”. Na entrevista, ele também revela que as suas maiores dificuldades sempre foram as saudades da família.

Bacar afirma que, ao longo da sua carreira, passou por 10 clubes na sua maioria de futebol português antes da sua passagem pela Servia, Geórgia e Armênia. Também foi um dos primeiros jogadores a aceitar o projeto da federação de futebol de Guiné-Bissau para representar a seleção nacional com intuito de criar uma base para a geração vindoura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as discussões desenvolvidas até aqui, considerando igualmente, o relato dos entrevistados e as nossas evidências empíricas, apoia-se neste trabalho, a assertiva de que a mobilidade dos jogadores guineenses se deve mormente às insuficiências do cenário esportivo da Guiné-Bissau que acabam por exercer uma certa influência no fluxo migratório dos jogadores e nas exhibições da seleção nacional deste país. No âmbito interno, quanto à problemática de mobilidade, verifica-se a questão de falta das infraestruturas desportivas, fraco financiamento do setor esportivo, fraca competitividade das seleções nacionais de futebol da Guiné-Bissau, uma vez que este se compete

mais a nível da seleção principal, e as seleções de base no caso da Sub (categoria) 17, 18, 19, 20 e sub 23 não competem com a regularidade.

Verificou-se, neste estudo que um dos motivos centrais da mobilidade internacional dos jogadores de futebol, é a criação de expectativas de melhoria das condições de vida pelos próprios jogadores. Esta continua ligada também à falta de organização nas provas nacionais existentes: campeonato nacional, Copa da Guiné, campeonatos nacionais das categorias de base dos clubes e das escolas de formação dos jogadores, lembrando que os jogadores, que na sua maioria, atuam sem vínculo contratual com os clubes e que, no caso de lesão, os clubes irão arcar com as despesas. Sem patrocínios, os Clubes também se encontram limitados.

Já no plano externo ao país, a situação é totalmente diferente. Percebe-se a atuação dos processos da globalização no cenário esportivo mundial quando os grandes clubes e seleções europeias, em nome de caça aos talentos, buscam influenciar e cooptar os jogadores com altíssimos potenciais para as suas equipas e seleções.

E para finalizar, vale destacar que na trajetória dos jogadores como nos escritos dos autores que o futebol é tido por jogadores como uma forma de “se ascender na vida”. Essa ideia é reforçada pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1983, p.147) que vê na carreira esportiva um meio de ascensão social para as classes populares (dominadas socialmente). O mercado esportivo é dominado por valores e interesses dos praticantes oriundos de classes médias e baixas, os quais buscam se profissionalizarem.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Como ser esportivo? *In*: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BARROS, Miguel; NASCIMENTO, Augusto. Djugu na Bandé o futebol comunitário num bairro popular de Bissau. *In*: **Revista Buala**, abr. 2013. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/a-ler/djugu-na-bande-o-futebol-comunitario-num-bairro-popular-de-bissau>.
- BROHM, Jean-Marie. **Sociologia Política del Deporte**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- CEITIL, José Júlio Mocho. *In*: **Sair da Guiné-Bissau a boleia do futebol: a migração de jovens guineenses para Portugal e a sua inserção no país de acolhimento (1998-2015)**, 2017 (Dissertação do mestrado).
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DAMO, Arlei Sarlei. Senso do Jogo. **Esporte e Sociedade**. n. 1, Nov. 2005/ Fev. 2006, p.1-3.
- GASPARETTO, T. M. O futebol como negócio: uma comparação financeira com outros segmentos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, p. 825-845, 2013
- LEONCINI, M. P.; SILVA, M. T. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. **Gestão e Produção**, São Carlos, v. 12, n. 1, p. 11-23, 2005.
- MARZANO, Andrea; NASCIMENTO, Augusto. O esporte nos países africanos de língua portuguesa: um campo a desbravar. **Revista Tempo**. v.17, n. 34, 2013.
- MELO, Victor Andrade. **A nação em jogo: esporte e guerra colonial na Guiné Portuguesa (1961-1974)**, 2016. p 408-409.
- OLIVEIRA, Alex Fernandes. Origem de futebol na Inglaterra e Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n.13, 2012. p,170-174.
- PERCY, Alen. **Pensar com os pés: as máximas dos gênios do futebol para se sair bem dentro e fora de campo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- RAMOS, R. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis, RJ:Vozes, 1984.
- RODRIGUES, F. X. F. Futebol e Teoria Social: introdução a uma sociologia do futebol brasileiro. **Ciencias Sociais Unisinos**, São Leopoldo-RS, v.38, n. 160, 2002. p. 65-93.
- ROMARIO. **Um olho na bola, outro no cartola: crime organizado no futebol brasileiro**. São Paulo: Planeta, 2017.

OUTRAS FONTES

Guiné Bissau garante a presença no Can 2017. Disponível em:
<https://bit.ly/2tLu7Ay>. Acesso em: 26 fev. 2018.

INE, Instituto Nacional de Estatísticas, 2009.

Instituto dos Registos e Notariado:

http://www.irn.mj.pt/sections/irn/legislacao/docs-legislacao/lei-37-81/downloadFile/file/Lei_n_37.pdf?nocache=1201699267.75. Acesso em: 28 fev. 2019.

Milhares de guineenses despedem-se dos Djurtus. Disponível em:
<http://www.odemocratagb.com/?p=1128>. Acesso em: 28 fev. 2019.

RECORD. Vinte “portugueses” nos pré-convocados da Guiné-Bissau.
Disponível em: <https://bit.ly/2XDC0WH>. Acesso em: 22 fev. 2019.